

Professor e gestão escolar reduzem problemas de aprendizado na educação básica, confirma estudo.

Itamar Rigueira Jr.

No início deste ano, a Unesco publicou relatório sob o título Exclusão intraescolar nas escolas públicas brasileiras: um estudo com dados da Prova Brasil 2005, 2007 e 2009. Parte desse trabalho foi realizado pela então estudante de Ciências Sociais Raquel Pereira Álvares, sob orientação do professor José Francisco Soares, pesquisador voluntário da Faculdade de Educação (FaE). O estudo que Raquel apresentou como monografia de final de curso confirmou a importância do professor na redução da probabilidade de baixo desempenho dos alunos da rede pública, mas constatou a preponderância da gestão escolar como fator de promoção do aprendizado.

De acordo com Raquel Álvares, que hoje cursa o mestrado em Demografia na Faculdade de Ciências Econômicas (Face), e vai apresentar artigo durante o Seminário sobre a Economia Mineira (hoje, dia 29, em Diamantina), quando se fala em exclusão intraescolar, faz-se referência aos alunos que frequentam aulas regulares, mas não conseguem aprender.

“Nossa hipótese era a de que o professor tivesse o papel mais relevante na redução das dificuldades dos estudantes. Ele realmente impacta positivamente nesse aspecto, mas apareceu de forma mais gritante a importância da gestão escolar”, diz a pesquisadora, que analisou universo composto por quase 280 mil alunos do último ano do ensino fundamental.

Partindo da certeza de que a origem do aluno – que abrange sexo, raça, nível socioeconômico, capital cultural da família – tem papel crucial, o estudo confirmou a lógica de que as melhores escolas atraem os alunos com maior potencial e, portanto, tendem a apresentar melhores resultados nos exames nacionais.

Ordenação possível

Chico Soares e Raquel Álvares debruçaram-se sobre os dados originados na Prova Brasil de 2007, que avaliou desempenho em português e matemática e obteve respostas de alunos, professores, dirigentes, além de informações sobre infraestrutura das escolas. No caso dos professores, o questionário produziu dados sobre a formação, aproveitamento de material didático, qualidade do ambiente de trabalho etc. “Como as questões respondidas pelos diversos públicos da pesquisa do MEC são fechadas, foi possível valorar de forma ordenada os diversos fatores, e então cruzar com os resultados de desempenho dos alunos”, explica a pesquisadora.

Segundo Raquel Álvares, a então 8ª série (atual 9º ano) do ensino fundamental foi escolhida porque estudantes nessa faixa são capazes de responder de forma mais precisa e confiável. Os resultados computados foram os da área de matemática. “Esta é uma disciplina em que o aprendizado depende mais da frequência à escola,

diferentemente da área de linguagens, em que o aluno traz mais informações de sua experiência cotidiana”, ela justifica.

A maioria dos estudantes (56,5%) obteve índice “básico” de desempenho (em escala que contém, na ordem, “insuficiente”, “básico”, “proficiente” e “avançado”). Nos outros níveis, os percentuais foram os seguintes: insuficiente, 27,5%; proficiente, 13,9%; e avançado, 2,1%.

O cruzamento de dados mostrou, de acordo com Raquel Álvares, que fazem diferença medidas de gestão como a participação dos professores na definição do projeto pedagógico, o investimento na capacitação dos docentes e a disponibilidade de equipamentos. “Ficou claro que o aluno aprende melhor se as aulas são apoiadas por recursos variados. É muito melhor que o professor possa contar com um retroprojetor, em vez de apenas distribuir fotocópias”, exemplifica Raquel Pereira Álvares.

Foco na escola

Chico Soares, coautor do artigo, lembra que está amplamente estabelecido que as condições socioeconômicas dos alunos afetam seu aprendizado. E ressalta que a importância deste estudo foi verificar como as condições da escola e de seus professores afetam o desempenho dos alunos.

Ele lamenta a constatação de que a escola dos que não aprendem tem piores condições de infraestrutura e seus professores têm menores índices nas características que estão associadas com melhor desempenho dos alunos. “O estudo confirma que a questão da equidade é séria no Brasil e, portanto, temos de tratar da equidade quando analisarmos os resultados educacionais. Ou seja, temos de nos perguntar como está o desempenho dos alunos em outras escolas do mesmo município e como, dentro da escola, está o desempenho e o atendimento dos alunos que trazem menos de casa”, afirma o pesquisador do Grupo de Avaliação de Medidas Educacionais (Game), da UFMG.

A propósito do envolvimento de áreas como as ciências sociais e a demografia nos estudos sobre educação – evidenciado na pesquisa que ele desenvolveu com Raquel Álvares –, Soares destaca que os estudos educacionais exigem muitos olhares. “A educação é mais um campo do conhecimento que uma área isolada. É bom observar que, aos poucos, profissionais de diversas áreas se dedicam aos problemas desse campo. Este olhar multidisciplinar é necessário para vencermos o desafio da qualidade da educação básica, que deve incluir não apenas melhoria na média, mas também diminuição das desigualdades”, conclui Chico Soares.

Artigo: O efeito das características do professor na exclusão escolar: o caso de Minas Gerais

Por Raquel Pereira Álvares e José Francisco Soares

Fonte: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/025192.shtml>